

AFECTUOSAMENTE

MARGARET ATWOOD

AFECTUOSAMENTE

TRADUÇÃO DE
João Luís Barreto Guimarães



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2021

I.

LATE POEMS

These are the late poems.
Most poems are late
of course: too late,
like a letter sent by a sailor
that arrives after he's drowned.

Too late to be of help, such letters,
and late poems are similar.
They arrive as if through water.

Whatever it was has happened:
the battle, the sunny day, the moonlit
slipping into lust, the farewell kiss. The poem
washes ashore like flotsam.

Or late, as in late for supper:
all the words cold or eaten.
Scoundrel, plight, and vanquished,
or linger, bide, awhile,
forsaken, wept, forlorn.
Love and joy, even: thrice-gnawed songs.
Rusted spells. Worn choruses.

It's late, it's very late;
too late for dancing.
Still, sing what you can.
Turn up the light: sing on,
sing: On.

POEMAS ATRASADOS

Estes são os poemas atrasados.
A maior parte dos poemas está atrasada
é claro: demasiado atrasada,
como a carta enviada por um marinheiro
que chega depois de ele se afogar.

Demasiado atrasadas para serem úteis, tais cartas,
e com os poemas atrasados é parecido.
Chegam como se pela água.

O que quer que tenha acontecido:
a batalha, o dia ensolarado, o luar
deslizando para a luxúria, o beijo de despedida. O poema
dá à praia como destroços.

Ou atrasados, como se atrasados para jantar:
cada palavra fria ou ingerida.
Canalha, apuro, e vencido,
ou demorar, esperar, um pouco,
esquecido, lamentado, abandonado.
Amor e alegria, até: canções trituradas.
Feitiços enferrujados. Refrões gastos.

É tarde, é muito tarde;
demasiado tarde para dançar.
Ainda assim, canta o que puderes.
Acende a luz: canta lá,
canta: Vá.

GHOST CAT

Cats suffer from dementia too. Did you know that?
Ours did. Not the black one, smart enough
to be neurotic and evade the vet.
The other one, the furrier's muff, the piece of fluff.
She'd writhe around on the sidewalk
for chance pedestrians, whisker
their trousers, though not when she started losing
what might have been her mind. She'd prowl the night
kitchen, taking a bite
from a tomato here, a ripe peach there,
a crumpet, a softening pear.
Is this what I'm supposed to eat?
Guess not. But what? But where?
Then up the stairs she'd come, moth-footed,
owl-eyed, wailing
like a tiny, fuzzy steam train: *Ar-woo! Ar-woo!*
So witless and erased. *O, who?*
Clawing at the bedroom door
shut tight against her. *Let me in,*
enclose me, tell me who I was.
No good. No purring. No contentment. Out
into the darkened cave of the dining room,
then in, then out, forlorn.
And when I go that way, grow fur, start howling,
scratch at your airwaves:
no matter who I claim I am
or how I love you,
turn the key. Bar the window.

GATO FANTASMA

Os gatos também sofrem de demência. Sabias disso?
O nosso também. Não o preto, esperto o suficiente
para ser neurótico e fugir ao veterinário.
A outra, o regalo do peleiro, o pedaço de penugem.
Serpenteava por ali pela calçada
para passantes circunstanciais, pincelando
suas calças, excepto quando começou a perder
o que pode ter sido a sua mente. Rondava a cozinha
à noite, mordiscando
um tomate aqui, um pêssego maduro ali,
um bolinho, uma pêra mole.
É isto que é suposto eu comer?
Talvez não. Mas então? Mas onde?
Subia depois as escadas, com patas de mariposa,
olhos de coruja, gemendo
como um minúsculo comboio a vapor: *Uh-uuh! Uh-uuh!*
Tão estúpida e apagada. *Oh, quem?*
Arranhando a porta do quarto
encerrada para ela. *Deixa-me entrar,*
fecha-me, diz-me quem eu era.
Nada de bom. Nada de ronronar. Nem contentamento. Para
a escura caverna da sala de jantar,
ora dentro, ora fora, desamparada.
E quando vou por aí, cresce-me o pêlo, começo a fazer ruído,
arranho as tuas ondas de ar:
não interessa quem reclamo ser
ou de que modo te amo,
tranca a porta. Fecha a janela.

SALT

Were things good then?
Yes. They were good.
Did you know they were good?
At the time? Your time?

No, because I was worrying
or maybe hungry
or asleep, half of those hours.
Once in a while there was a pear or plum
or a cup with something in it,
or a white curtain, rippling,
or else a hand.
Also the mellow lamplight
in that antique tent,
falling on beauty, fullness,
bodies entwined and cherishing,
then flareup, and then gone.

Mirages, you decide:
everything was never.
Though over your shoulder there it is,
your time laid out like a picnic
in the sun, still glowing,
although it's night.

Don't look behind, they say:
You'll turn to salt.
Why not, though? Why not look?
Isn't it glittery?
Isn't it pretty, back there?

SAL

As coisas eram boas nessa altura?

Sim. Eram boas.

Sabias que eram boas?

Nesse tempo? No teu tempo?

Não, porque estava preocupada

ou talvez faminta

ou a dormir, metade do tempo.

De vez em quando havia uma pêra ou uma ameixa

ou um copo com alguma coisa dentro,

ou uma cortina branca, ondulando,

ou ainda uma mão.

Também a luz suave da lâmpada

naquela tenda antiga,

desabando em beleza, plenitude,

corpos entrelaçando-se e estimando-se,

irrompendo, e desaparecendo.

Miragens, decides tu:

tudo isso nunca foi.

Embora por cima do teu ombro lá esteja,

o teu tempo definido como um piquenique

ao sol, brilhando ainda,

apesar de ser de noite.

Não olhes para trás, dizem eles:

Tornar-te-ás sal.

Mas porque não? Porque não olhar?

Não é tão brilhante?

Não é tão bonito, lá atrás?

PASSPORTS

We save them, as we save those curls
culled from our kids' first haircuts, or from lovers
felled too early. Here are

all of mine, safe in a file, their corners
clipped, each page engraved
with trips I barely remember.

Why was I wandering from there to there
to there? God only knows.
And the procession of wraiths' photos

claiming to prove that I was me:
the faces greyish disks, the fisheyes
trapped in the noonhour flashflare

with the sullen jacklit stare
of a woman who's just been arrested.
Sequenced, these pics are like a chart

of moon phases fading to blackout; or
like a mermaid doomed to appear onshore
every five years, and each time altered

to something a little more dead:
skin withering in the parching air,
marooned hair thinning as it dries,
cursed if she smiles or cries.

PASSAPORTES

Salvámo-los, tal como salvámos esses caracóis
colhidos do primeiro cabelo de nossos filhos, ou de amantes
derruídos demasiado cedo. Aqui estão

todos os meus, guardados num arquivo, os seus cantos
recortados, cada página cravada
com viagens que recordo mal.

Porque andava eu vagueando daqui para ali
para além? Só Deus sabe.
E a procissão de fotografias de espectros

alegando provar que eu era eu:
os rostos, discos acinzentados, os olhos de peixe
presos ao *flash* do meio-dia

com o olhar iluminado e taciturno
de uma mulher que acabou de ser presa.
Lado a lado, essas fotografias são como uma tabela

das fases da Lua desaparecendo no escuro; ou
como uma sereia condenada a dar à praia
a cada cinco anos, de cada vez alterada

para alguma coisa mais inerte:
a pele murchando ao ar abrasador,
os cabelos castanhos afilando-se enquanto secam,
amaldiçoada quer se ria quer chore.